



GT 12. Antropologia das Relações Humano-Animal

Coordenador(es):

Andréa Barbosa Osório Sarandy (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Flávio Leonel Abreu da Silveira (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Sessão 1 - Pragas, peçonhas e animais hostis

Debatedor/a: Ana Paula Perrota Franco (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Sessão 2 - Conservação, tempo e espaço nas relações humano-animais

Debatedor/a: Jean Segata (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3 - Predação, proteção e trabalho animal

Debatedor/a: Felipe Ferreira Vander Velden (UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos)

O campo das relações humano-animal, ou Animal Studies, teria emergido na década de 1970 em meio a movimentos de proteção animal que, não obstante, remontam ao século XIX. Na verdade, os animais participam das análises antropológicas há muito tempo. Algumas análises identificaram dois paradigmas correntes: um que pode ser chamado de materialista, em busca do animal “real”; e outro semiótico, pós-estruturalista ou simbólico, em busca de representações. Mais recentemente, a emergência de reflexões sobre o perspectivismo ameríndio realçou a centralidade dos animais em aspectos da vida religiosa e cosmológica de populações ameríndias, com um forte impacto nas conhecidas relações entre natureza e cultura. O presente Grupo de Trabalho pretende ser um espaço para reflexões teóricas e pesquisas empíricas acerca das relações entre animais humanos e não humanos, a partir de um viés antropológico. Serão aceitos trabalhos tanto sobre as percepções simbólicas quanto sobre relações concretas materiais entre ambos. Entre eles, destacam-se produções voltadas aos animais de estimação, de abate, de tração, animais da fauna silvestre brasileira ou estrangeira, caça, criações, rinhas, concursos, turismo, animais de laboratório; em meio urbano, rural ou entre populações ameríndias e mesmo fora do continente americano; relações cotidianas, científicas, religiosas, alimentares, ideológicas, morais, artísticas, legislação, políticas públicas, saúde, entre outras possibilidades.

Tornando-se protetores: trajetórias de engajamento, dilemas e questões na proteção animal

Autoria: Diego Breno Leal Vilela (UEPB - Universidade Estadual da Paraíba)

O crescimento das demandas por proteção, bem-estar e direitos para animais está relacionado a um contexto maior, que passa pelas transformações (ampliação) nas sensibilidades (THOMAS, 2010) de modo a incluir outros seres na esfera de preocupação moral humana. Para Franklin (1999), ao longo do século XX esse processo se desenvolveu a partir da ?sentimentalização? dos animais, passando pela intervenção do Estado moderno na regulação dos comportamentos adequados em relação a esses seres, chegando até a demanda socialmente mobilizada por direitos animais e sua crescente importância no âmbito do humano, processo esse que pode ser sintetizado através de um circuito que aqui definimos como empatia-mobilização-institucionalização. Por meio de pessoas e grupos organizados autointitulados ?protetores de animais?, essas ?sensibilidades? assumiram a forma de um projeto moral. Primeiro, convertendo-se em atitudes de cuidado e proteção; depois, saindo da esfera privada e tornando-se uma questão pública, momento em que o Estado passou a ser cobrado a incorporar os animais no escopo de suas políticas. Neste artigo irei me debruçar sobre os processos por meio do qual os ativistas pela proteção animal na cidade do Recife-PE se engajaram nessa causa e passaram a desenvolver ações sistemáticas em favor de alguns animais ? principalmente cães e



gatos. A partir da incorporação de fragmentos das trajetórias de alguns desses indivíduos, possibilitada pela pesquisa de campo e realização de entrevistas abertas e profundas, tentarei evidenciar algumas das principais questões implicadas nesse processo: Como essas pessoas se tornaram ?protetoras de animais?? Quais fatores foram centrais? De que modo tornar-se protetor impactou nas suas vidas e respectivos círculos sociais? O que os fazem permanecer protetores? Se por um lado empatia e compaixão são elementos acionados para explicar o despertar de uma atitude de proteção aos animais, para que seja eficaz, e torne a atividade do protetor sustentável e exequível ao longo do tempo, é necessário que haja controle e racionalização de suas condutas e ações. Do contrário, corre-se o risco de incorrer naquilo que é considerado um dos maiores problemas na proteção animal: o acúmulo de animais. Percebemos então que o ?tornar-se? protetor está acompanhado de uma série de procedimentos e modelos de conduta que modificam a maneira de agir em favor dos animais. Aqui, temas como autocontrole, sacrifício, recompensa, dever moral e a tensão entre empatia e a ?responsabilidade?, serão uma constante nesta etnografia, que toma o crescimento dos movimentos de proteção animal como uma das expressões de um contexto maior, onde os modos de agir, lidar e se relacionar com alguns animais têm sido redimensionados.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: